



cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

2º semestre de 2024 – ano 30 – nº 86



Comunidade Sabin

Todos os anos, nossos alunos são incentivados a fazer parte de uma extensa agenda esportiva e cultural, composta por compromissos dentro de nossas instalações, ou em escolas parceiras espalhadas pela cidade. Esse universo de jogos, aulas abertas e apresentações forma um ambiente propício para que as famílias possam se aproximar do processo de aprendizagem dos alunos e, de forma mais participativa, incentivar as práticas de esportes e de atividades culturais durante a vida escolar.

Para nós, é muito especial poder abrir as portas da escola para receber mães, pais, avós, avós, tias, tios, familiares e amigos, e proporcionar a todos a oportunidade de acompanhar a construção e o desenvolvimento do ensino das modalidades oferecidas. Ter espaços inspiradores de competição esportiva e de apresentações culturais diversificadas contempla o projeto de formação integral dos nossos jovens. E é muito bom receber o apoio das famílias por meio da presença e da torcida pelos alunos e pela escola. É motivo de orgulho para toda a equipe pedagógica observar a adesão da comunidade lotando as arquibancadas e as plateias dos projetos que apresentamos, sempre com uma postura carinhosa, vibração, e aquele grito de incentivo. Durante esses eventos cheios de convidados, fica no ar o maravilhoso sentimento de comunidade, do “eu também faço parte disso” - exatamente como desejamos que seja. De nossos privilegiados lugares de observadores, podemos reparar nos olhares absolutamente orgulhosos de

pais e mães ao verem seus filhos e filhas conquistando seus espaços, superando medos e vencendo dificuldades. Ao mesmo tempo, podemos também notar o semblante de alegria e felicidade dos alunos por terem a chance de mostrar a seus familiares e amigos o resultado de todo o esforço, a disciplina e a dedicação necessários para estarem ali competindo ou se apresentando. É uma troca linda de ver.

No meio de tudo isso, é fácil perceber - entre as famílias e a escola - o alinhamento de valores e o compartilhamento do propósito na formação esportiva e cultural de nossas crianças e nossos adolescentes - o que contribui para a construção de uma verdadeira comunidade educativa, a nossa fortaleza, a fortaleza da “Comunidade Sabin”. Esse sentimento, que só é possível com a contribuição de todos - postura positiva dos alunos, engajamento das famílias e competência técnica da escola -, traz para o Sabin um “clima” único e muito agradável, como um bom perfume, facilmente percebido por quem visita nosso campus pela primeira vez: uma escola ativa, vibrante, um lugar onde é gostoso estar.

Temos enorme satisfação em poder agregar ao colégio esse importante valor, de união da comunidade nos espaços esportivos e culturais da escola, momentos de encontro e de alegria, com todos torcendo juntos nos jogos, cantando e se emocionando no anfiteatro, comemorando à beira da nossa piscina. Agradecemos a confiança e seguimos trabalhando. Sejam sempre bem vindos!



Paulo Rogério Vieira
Coordenador do Programa de Esportes & Cultura



Todos juntos!

Revista do Sabin,
2º semestre 2024
ano 30 - nº 86

Alunos da capa:
Stella De Angelis
Depieri Malagutti,
André Xavier Afonso
e Laís Zanini Brasil,
alunos do 1º ano E.

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1.901,
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP -
(11) 3712.0713
www.albertsabin.com.br

Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King,
2.266/2.280, São Francisco,
São Paulo/SP - (11) 3716.5666
www.absabin.com.br

Fundadores:
Gisvaldo de Godoi,
Neusa A. Marques de Godoi

Direção geral:
Cristina Godoi de Souza Lima

Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin),
Sílvia Adrião (AB Sabin)

Direção administrativa:
Fernando A. Mello

Marketing: Natália Giraldi
Colaboradores: Áurea Bazzi,
Denise Araújo, Dionéia Merin,
Giselle Magnossão, Sandra
Lieven, Paulo Rogério Vieira,
Sílvia Adrião, Suzy Vieira

Jornalista responsável:
Juliana Bógus Saad
(MTB 42.386/SP)

Designer: Giovanna Angerami
Fotografias: Jesse Matos,
Leidyla Nascimento,
Equipe Pedagógica

2º semestre 2024

4+5



Conversa Paralela

Terapeuta propõe reflexões sobre parceria família-escola

6+7+8



Educação Infantil

As linguagens da criança e as diversas formas de ensinar

9+10+11



Fundamental – Anos Iniciais

Projeto de autorretratos une aulas de Arte e Letramento Digital

12+13



Fundamental – Anos Finais

Técnicas de estudo contínuo contribuem para autonomia e autogestão

14+15



Ensino Médio

Atividades trabalham autoconhecimento e capacidade de escolher

16+17



Idiomas

Espanhol agora é matéria eletiva, e está no musical de fim de ano

18+19



Esportes&Cultura

Sabin recebe selo de excelência da Federação Internacional de Xadrez

20+21+22



A Gente Quer Saber

Verdes Marias dão dicas ao 5º ano de como cuidar melhor do planeta

22+23



Livre Expressão

Como você se relaciona com a Inteligência Artificial?

24



Encantamento

A auxiliar de cozinha Moniquinha conta um pouco de sua história

28+27+26



AB Sabin

Conhecendo a riquíssima cultura popular brasileira

Parceria família-escola

A terapeuta Alessandra Camargo fala sobre os desafios e as oportunidades para fomentar a autonomia no processo de amadurecimento de crianças e adolescentes



**Alessandra
Camargo**

Psicóloga graduada pela Universidade Mackenzie, **Alessandra de Camargo Costa** é terapeuta de família formada pelo Instituto Sistemas Humanos e terapeuta de sandplay pelo IBTSandplay. Atua em consultório há mais de 23 anos como psicoterapeuta de crianças, adolescentes e adultos, e é fundadora do Projeto Criatua - @ProjetoCriaTua no Instagram -, que nasceu do desejo de cuidar de quem cuida e com o objetivo de favorecer o desenvolvimento emocional das famílias junto a pais e cuidadores. Nesta conversa, a doutora Alessandra compartilha conhecimentos e propõe reflexões sobre a importantíssima relação entre as famílias e a escola a quem confiam suas crianças e jovens.

Qual é o papel da família na relação dos filhos com a escola?

A família desempenha um papel central nessa relação. Desde cedo, os pais são os primeiros modelos de referência, responsáveis por introduzir valores e hábitos que influenciarão o comportamento e o desempenho escolar. Não é fácil confiar a outras pessoas os cuidados com quem mais amamos, e o processo de adaptação e ingresso dos pequenos na educação infantil é uma jornada desafiadora tanto para eles quanto para nós, pais. Precisamos abrir mão do controle e da supervisão constantes à medida que eles crescem, confiando no trabalho da escola que escolhemos.

De que forma o excesso de controle ou a interferência dos pais pode atrapalhar?

O excesso de interferência pode minar a iniciativa da criança, tornando-a mais insegura, pois essa atitude parental pode

transmitir a mensagem de que ela não é capaz de resolver questões por conta própria. A escola é um grande laboratório onde as crianças e os adolescentes desenvolvem diversas competências para a vida, não apenas cognitivas, mas principalmente socioemocionais - e, para isso, eles precisam se experimentar. É no espaço da escola que eles aprendem a se relacionar com seus pares e vivenciam interações com outras figuras de autoridade, o que amplia o repertório relacional de cada um. O ambiente escolar oferece à criança a possibilidade de se exercitar de forma mais autônoma e independente, tomando decisões e enfrentando desafios que contribuem para o desenvolvimento pessoal e acadêmico.

E quais são os maiores desafios atuais para família e escola acharem o equilíbrio?

Nós, pais, grandes mediadores da relação das crianças com o mundo, muitas vezes nos sentimos inseguros sobre como atuar nessa parceria. Até que ponto devemos interferir? O que cabe a nós e o que cabe à escola? Nosso apoio e suporte são fundamentais, mas precisamos tomar cuidado para não assumir papéis que não nos cabem. Repito: à medida que a criança cresce, é necessário que ela comece a tomar decisões e aprender com suas próprias experiências, construindo sua identidade única e singular. Muitas vezes, na melhor das intenções, tomamos a dianteira em determinada situação antes de dar à criança a oportunidade de tentar buscar suas próprias alternativas. Um exemplo disso é quando, impulsivamente, entramos em contato com a mãe do coleguinha com quem nosso filho brigou, ou quando pedimos a matéria da prova no grupo de mães do WhatsApp.

Quais atitudes dos pais seriam mais apropriadas?

Antes de intervir, podemos começar com uma conversa honesta com nosso filho ou nossa filha, entendendo quais recursos aquele indivíduo já possui para lidar com a situação. E então podemos encorajar aquela criança ou adolescente a dar novos passos na resolução do problema. Devemos e podemos ser fontes de apoio e motivação para o envolvimento deles com o processo de aprendizagem, criar um ambiente favorável para que cumpram suas responsabilidades como estudantes, e ajudá-los a pensar em estratégias para alcançar seus objetivos. No entanto, a tarefa deve ser cumprida por eles. Devemos e podemos

ouvi-los com toda a nossa atenção e presença diante de conflitos sociais, acolhê-los em seus dilemas e emoções, incentivá-los a enfrentar as situações, mas também autorizá-los a escolher caminhos próprios, mesmo que isso implique tropeçar e errar. Ao equilibrar apoio e liberdade, a família e a escola podem, juntas, proporcionar um ambiente enriquecedor, onde o aluno é o protagonista de sua própria trajetória.

Esse equilíbrio é bem delicado, não?

Muito! Pois envolve a percepção de que, ao dar liberdade, nós - os pais, a família - não estamos sendo negligentes, mas sim propiciando um ambiente para o desenvolvimento de habilidades fundamentais para a criança, como a resiliência e a capacidade de resolver problemas.

Por que o desenvolvimento dessa autonomia é tão importante na fase escolar?

Porque é essencial para a construção de um senso de segurança interna e de autoconfiança, o que vai ajudar os estudantes a crescerem mais fortalecidos para enfrentar os desafios das fases posteriores do desenvolvimento, e as complexidades da vida.

Quem pode auxiliar os pais a distinguir onde é positivo, ou não, interferir?

O orientador educacional é uma figura importante em questões mais complexas, pois pode avaliar, junto com a família, quais situações requerem uma intervenção mais clara dos pais e de que forma eles podem estar presentes sem dificultar o processo de amadurecimento dos filhos. Para que a relação família-escola seja realmente benéfica para os alunos, é fundamental que ambas as partes reconheçam e respeitem seus papéis. A escola deve se esforçar para manter uma comunicação aberta e transparente com os pais, garantindo que se sintam parte do processo educacional. Por outro lado, os pais precisam confiar nos profissionais da educação e permitir que seus filhos vivenciem suas próprias experiências, aprendendo com erros e acertos. Deixo como reflexão o que diz o autor, educador e psiquiatra infantil Daniel J. Siegel: “Seu trabalho como pai não é impedir que seus filhos tenham experiências negativas, falhas ou contratempos; mas dar-lhes ferramentas e resiliência emocional para que eles enfrentem as tempestades da vida. E, então, caminhar ao lado deles durante as tempestades”.

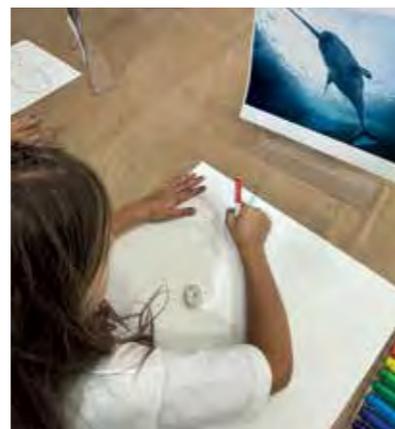
Tudo é oportunidade!

A partir da curiosidade das crianças - que têm cem, mil, infinitas linguagens para se expressar - a Educação Infantil busca constantemente formas diversificadas de ensinar e aprender.

A criança é feita de cem.
 A criança tem cem linguagens
 cem mãos
 cem pensamentos
 cem modos de pensar
 de jogar e de falar
 cem sempre cem
 modos de escutar
 as maravilhas de amar
 cem alegrias
 para cantar e compreender
 cem mundos
 para descobrir
 cem mundos
 para inventar
 cem mundos
 para sonhar.

Trecho de poema de Loris Malaguzzi

“Nós partimos desse poema inspirador - considerado um manifesto da infância - para repensar as práticas educativas, aumentando a oferta de diferentes formas de expressão para as crianças”, conta a coordenadora pedagógica da Educação Infantil do Sabin, Silvia Adrião. Ela está falando de linguagens como a modelagem, a colagem, a pintura, o grafismo, a fotografia, a musicalidade, a dança, o corpo em movimento, experiências científicas, poesia e todas as formas - já inventadas ou não - que a criança pode ter para se comunicar e descobrir o mundo. “Claro que é importante trabalhar com as linguagens fundamentais, como a matemática, a escrita e a leitura, mas acreditamos que é essencial trazer também outras possibilidades de experimentação e investigação”, completa Silvia. As “cem linguagens” de Malaguzzi - principal referência na constituição da abordagem pedagógica de *Reggio Emilia* (Itália), uma das inspirações do trabalho no Sabin - são uma metáfora do extraordinário potencial de descoberta das crianças na primeira infância, e das infinitas formas com que a vida se manifesta e com que se pode construir o conhecimento. O alcance do pensamento infantil é ilimitado, já que existem gramáticas e universos subjetivos e singulares em cada pequeno ser humano em formação, e a tarefa do educador é escutar e observar os interesses deles, abrir portas, criar e oferecer



ambientes e ferramentas de todo tipo, dar espaço para a criatividade e muitas aprendizagens.

“Nosso currículo está aberto aos mundos e a todas as linguagens que a criança pode criar porque ela aprende com o pensamento brincante, e cria caminhos para que os conceitos façam sentido; a criança tem antenas ligadas e flexíveis para o conhecimento”, aponta a orientadora da Educação Infantil, Andréa Silva, citando a atelierista *Reggio Emilia* e educadora Veia Vecchi. “Inspirados pela abordagem *reggiana*, acreditamos em uma escola viva, com escuta sensível, verdadeira e respeitosa com a primeira infância - onde as crianças são capazes, competentes, e podem interpretar ideias, elaborar teorias, pensar o mundo e expressar seus pensamentos de formas muito variadas. Por meio, por exemplo, do desenho e da argila, o pensamento da criança torna-se visível.”

Alfabetário

Escutando as crianças, a professora Diana Carrillo, do Infantil 5, teve a sensibilidade de reformular um projeto de leitura, escrita e multilinguagens que as turmas estavam desenvolvendo a partir da leitura do livro “Cada bicho tem seu canto”; em princípio, fariam um “Alfabetário dos animais mamíferos”, só com nomes de bichos. “Mas, durante as investigações, quando as crianças perceberam que nós também somos mamíferos, quiseram se incluir”, relata Diana. “Eles diziam: G é de Gabriel, H é de Helena, e assim por diante. Partiu da turma a ideia

“A mudança de paradigma na concepção da aprendizagem, com o avanço das pesquisas em neurociência, da psicologia e da pedagogia, mostrou que a escola deve incentivar a criança desde pequena, estimulando o desejo de aprender, pesquisar, explorar, crescer, desenvolver a criatividade e se expressar de mil formas. É isso que é possível através de cotidianos enriquecidos de muitas experiências.”

Silvia Adrião, coordenadora pedagógica



Linguagens ativas durante o projeto “Mamíferos”

- Exercício do pensamento científico, com pesquisas, observações e debates
- Ampliação do traçado e da expressividade, com grafismo e pintura
- Avanço nas hipóteses de escrita e leitura
- Desenvolvimento da motricidade fina, com riscadores e modelagem
- Concentração e persistência, com a produção em etapas
- Aprendizados matemáticos: cálculos mentais, quantidades, coleta de dados
- Trabalho colaborativo, sentimento de pertencimento de grupo
- Autoconhecimento e respeito às diferenças



“Alfabetário dos mamíferos” - Infantil 5: aprendizagem e expressão por múltiplas linguagens.



de tirar ‘animais’ e renomear ‘Alfabetário dos mamíferos’ - que inclui todos nós.” Entre as etapas do projeto, as crianças saíram pela escola para fazer pesquisa de campo - inclusive entrevistando funcionários e visitantes; exploraram a natureza; votaram nos animais favoritos e usaram a matemática para compilar dados; assistiram a projeções; criaram autorretratos; trabalharam com rasgadura, amassadura, trançados de folhas de jornal; confeccionaram um jogo de tabuleiro de animais; modelaram com argila. “Cada proposta de trabalho envolve várias linguagens interligadas. Nós vamos orientando, mas orientar não significa conduzir: as crianças ficam livres para escolher o que querem explorar”, explica a professora Diana.

Esse trabalho diversificado só é possível quando há muitas mãos trabalhando juntas: equipe de professores da Educação Infantil com professores de outras disciplinas e o apoio de coordenadores e orientadores. O “Alfabetário” foi construído em parceria com a professora de Arte, Roberta Moretti: “Nas propostas de arte, a gente trabalha de acordo com o projeto que a turma já está desenvolvendo. É legal notar que, muitas vezes, os temas aparecem na hora da brincadeira, quando nossa escuta, novamente, é tão importante. Em outros tempos, talvez, se uma criança ficasse observando uma formiga, a gente só tiraria a criança do chão; hoje, temos outro olhar. É essencial não ter pressa com a infância porque tudo é oportunidade!”.

“A Educação Infantil é a base dos conceitos que serão nomeados e lapidados no futuro; proporcionamos contextos investigativos para que, por meio do corpo, nossas crianças possam experimentar e explorar esses conceitos. Uma de nossas intenções na Educação Infantil é criar oportunidades para que as ideias, as teorias e as hipóteses das crianças sejam coletivamente concretizadas. Nossas propostas são pensadas com o intuito de despertar a curiosidade e o prazer de aprender, além de desenvolver essa criança argumentativa, pesquisadora, investigativa.”

Andréa Silva, orientadora



Selfie, mouse, teclado, tesoura, cola e arte!

Projeto de autorretratos no 2º ano é mais uma atividade que promove a parceria de disciplinas do Ensino Fundamental com o Letramento Digital



A atividade começa na aula de Arte, com a apreciação de obras de grandes artistas, discussão sobre o tema e observação da própria imagem no espelho. Inspirados e provocados, os alunos partem para a produção de material nos computadores do Letramento Digital. Depois, voltam ao ateliê com seus impressos para concluir o trabalho artesanalmente - recortando, colando, criando. É assim que funciona o projeto de autorretratos que a professora de Arte Roberta Moretti coordena em parceria com o assessor de Tecnologia Educacional do Sabin, Paulo Fontes. “Esse é um exemplo bacana de como uma disciplina pode conversar bem com o Letramento Digital”, diz a coordenadora pedagógica Dionéia Menin. “Uma atividade que transita entre as áreas é sempre produtiva e abrangente”, garante ela.

O trabalho com retratos e autorretratos sempre existiu nas aulas de Arte do 2º ano, mas o uso de recursos da computação - como pesquisa, seleção de imagens e impressão - é novidade. “Os professores estão constantemente buscando essas oportunidades dentro dos seus conteúdos, procurando ver quando o Letramento pode se encaixar e ajudar em um projeto pedagógico”, explica a professora Roberta. Paulo - que é responsável pelo currículo do Letramento implementado na escola -, explica que a ideia não é “reinventar a roda” ou forçar cada disciplina a usar a alfabetização tecnológica: “Ao contrário, queremos oferecer formas de ensinar também habilidades digitais em assuntos que o professor já trabalha”. Entre todos os benefícios que essas parcerias oferecem, a coordenadora Dionéia atenta para algo que fica subentendido durante o processo, mas que tem um valor enorme: “O trabalho casado entre disciplinas contribui em um ponto que nós focamos bastante nos anos iniciais do Fundamental: o desenvolvimento das

funções executivas - como planejamento, administração do tempo, construção de rotina, organização, capacidade de fazer escolhas, autorregulação”.

Álbum de figurinhas de mim

O protagonismo do aluno é muito importante em qualquer projeto da escola. Neste, mais ainda, afinal não se



trata apenas de a criança ter autonomia para trabalhar, mas ela é convidada a se olhar, a se investigar, a buscar gostos e preferências que a definam para fazer arte com o retrato de si mesma. “Essa geração fala de *selfie* o tempo todo, mas, quando a gente chama de autorretrato, ninguém sabe que o conceito é o mesmo”, aponta a professora Roberta, explicando que cada aluno tira uma *selfie* na aula de Arte e leva essa imagem para a etapa do Letramento Digital. “Eu começo a aula mostrando obras de vários artistas que se autorretrataram - desde os mais tradicionais, até os mais contemporâneos -, como Picasso, que se pintou todo torto; Salvador Dali, todo derretido; Vik Muniz, feito de papel picado. E depois mostro a foto do artista, para eles compararem.” Entre perguntas e respostas, as crianças entendem que o autorretrato não tem que ser fidedigno à imagem da pessoa, e assim vão ampliando seu repertório imagético. Por fim, a professora compartilha a obra que guia a atividade, da artista plástica brasileira Leda Catunda, com uma concepção bem diferente: é um autorretrato desconstruído feito com partes de fotos dela e partes de outras coisas que a contemplam, como um lugar especial, um sabor que adora, uma textura, coisas que dizem até mais sobre ela do que um retrato comum. Depois de se observar no espelho, de se desenhar, de falar das próprias características - tom de pele, detalhes do rosto, dos cabelos - e fechar com a professora o conceito que está sendo proposto, a turma vai para a frente do computador na aula de Letramento Digital.

Na tela, o aluno tem a imagem de uma página como de um álbum de figurinhas - uma matriz criada no *Power-Point* especialmente para este projeto -, onde ele vai “colar”, primeiro, a *selfie* que tirou na aula de Arte, seu autorretrato básico. Depois, para completar seu “álbum” particular, vai buscar online - em um ambiente seguro - e arrastar para cada espaço vazio outras “figurinhas” que compõem sua identidade: animal preferido, comida favorita, fruta, cor, brinquedo, esporte. Além disso, há uma caixa de texto para a criança se descrever com palavras. “Trabalhamos habilidades de busca consciente, edição de apresentação, uso do teclado e do mouse. No final, imprimimos a página de cada um em tamanho A3”, resume Paulo. Munidos dos impressos com seus exclusivíssimos álbuns de figurinhas, os alunos retornam ao ateliê para fazer arte, criando seus autorretratos com papel, tesoura, cola, tinta e o que mais a imaginação trouxer - sob a supervisão da professora Roberta: “Eles têm ideias brilhantes! Eu vou ajudando, ajustando, para que consigam executar. E para que cada obra seja única! As crianças têm um potencial incrível e nos surpreendem, basta a gente estimular e escutar”.



Cultura Digital

Nesse projeto com a Arte, o que a turma exercita na etapa do Letramento está dentro do eixo Cultura Digital, que compõe com Tecnologia Digital e Pensamento Computacional os três eixos do “Currículo de Referência em Tecnologia e Computação” do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB). Esse currículo foi criado para



facilitar o entendimento do objetivo geral da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito à inserção de tecnologias digitais na escola. Atualmente, a Cultura Digital é considerada uma das dez competências gerais que todo estudante precisa aprender.

A disciplina de Letramento Digital é oferecida para os anos iniciais do Ensino Fundamental do Sabin desde 2023. Paulo lembra que, no começo, o celular era uma possibilidade para se trabalhar algumas ferramentas, mas, agora, com o movimento de tirar o celular da escola, as crianças trabalham primordialmente em *notebooks*. “A gente está em um momento de discutir muito o uso da tela, o tempo excessivo. Mas o universo digital tem um valor importantíssimo e, talvez, o que esteja faltando é colocar a luz na intencionalidade do uso: ‘O que você quer aprender?’. Isso é o que buscamos propor com o Letramento Digital. O uso da tela com rotina precisa ser produtivo, ter uma intenção além do lazer”, sugere o assessor de Tecnologia - fazendo, digamos, uma espécie de autorretrato da disciplina.



“Uma ideia é um ponto de partida e nada mais. Logo que se começa a elaborá-la, é transformada pelo pensamento.”

Pablo Picasso



“Eu não pinto um retrato para se parecer com a pessoa, mas sim para fazer a pessoa progredir e se parecer com seu retrato.”

Salvador Dali



“Eu trabalho muito com ilusões de ótica. Acho interessante como o cérebro tenta corrigir o que estamos vendo, tenta compensar para que enxerguemos o que

é tido como certo. Acredito que a arte também nos coloca em uma situação na qual temos que refazer nossa relação com a realidade.”

Vik Muniz



“As ideias vêm de uma camada fininha e transparente que paira por sobre as cabeças, não só dos artistas, cientistas e filósofos, como também de todas

as pessoas do planeta. (.) Esta diminuta espessura, invisível, é formada por uma combinação de senso comum com inconsciente coletivo, subjetividades e sonhos, mas é sobretudo composta por desejos. O desejo está na base da criação.”

Leda Catunda



“Como estudar” também se aprende!

Com um currículo de procedimentos e técnicas de estudo - contínuo -, todas as disciplinas dos anos finais investem na consolidação da autonomia e da autogestão dos estudantes

Agente estuda para aprender. Mas como é que a gente aprende “como estudar”? E quem ensina “como estudar” estuda *como*? Essas perguntas parecem um jogo de palavras complicado, mas será que são mesmo? E a resposta, qual poderia ser? Talvez outro jogo de palavras estranhamente afirmativo: “como estudar” pode ser aprendido com quem estuda *como* ensinar a estudar. Entendeu? Se não entendeu, calma: você acabou de experimentar a dificuldade que muitos alunos têm para compreender um texto. A equipe de professores dos anos finais do Fundamental tem pensado - e estudado muito - sobre essa e outras questões ligadas às formas de estudar. “Ensinar o aluno a estudar melhor, e dar a ele todas as ferramentas para isso, faz parte de uma responsabilidade grande dos anos finais”, afirma a coordenadora pedagógica Sandra Lieven. “Nós precisamos mostrar que o aprendizado é um ‘processo’ e que eles precisam ‘aprender a estudar’ para ‘aprender melhor’ durante todo esse processo. E não estamos falando somente de aprender para uma prova, mas, sim, do estudo contínuo, dentro e fora da sala de aula: faz diferença na nota, claro, mas impacta todo o caminho que o jovem vai trilhar.”

A meta nos anos finais é consolidar a rotina de estudo com qualidade, a autonomia e a autogestão dos estudantes - que chegam crianças dos anos iniciais e precisam terminar o 9º ano preparados para o Ensino Médio - e com

uma boa formação. “Em 2023, introduzimos no ‘Roteiro de Estudos’, além de ‘o que estudar’ e ‘onde estudar’, o ‘como estudar’. Os estudantes apresentam dificuldades de se manter concentrados, de entender, de resumir e até de identificar e formular dúvidas”, revela a coordenadora. Entre as ferramentas e habilidades de estudo trabalhadas, estão técnicas de: leitura, interpretação e compreensão de texto; resolução de exercícios com explicação das soluções; construção de resumos com uso de paráfrase; elaboração de *flash cards*; elaboração de mapas conceituais e mapas mentais; construção de esquemas e fluxogramas; criação de infográficos; uso de vídeos. De acordo com a idade e com as competências de cada ano, as técnicas vão sendo apresentadas. “Sem esquecer o trabalho com o erro, importante para o crescimento, porque com o erro se aprende”, lembra Sandra.

Estudo contínuo para todos

Quem ensina, também continua estudando: um curso sobre neurociência que o colégio ofereceu a todos os professores tem ajudado no desenvolvimento das atividades para ensinar e consolidar autonomia e autogestão. Motivadas por alguns questionamentos e com o objetivo de encontrar melhores respostas para as dificuldades de estudo dos alunos, as assessoras de Português e de Ciências dos anos finais - Denise Masson e Gizele Gasparri - sugeriram a for-

“Dentro da aula de Projeto de Vida, o aluno monta seu planejamento semanal individual e destaca quantas horas precisa, no mínimo, de estudo diário em casa - para fazer tarefas, iniciar o estudo de um conteúdo que o professor está trabalhando, realizar leituras - obrigatórias e outras para aumentar o vocabulário. Os professores ajudam o aluno a montar e a cumprir esse planejamento durante o ano, em parceria com as famílias. De acordo com os resultados, chamamos para a orientação individual. A aula de reforço do programa especial de estudos é outro momento em que o aluno pode trabalhar com o professor as dificuldades que sente para estudar; é uma boa oportunidade para descobrir onde o aluno ‘trava’: É na leitura do enunciado? É no meio do caminho? É na escrita? - Há um trabalho ativo do professor para identificar o que está estacionando o processo de estudo e de aprendizado do aluno.”

Sandra Lieven, coordenadora pedagógica



mação de um grupo de estudos voltados para a neurociência - principalmente para ajudar os professores a trabalhar melhor as **funções executivas**, aquelas que ajudam no processo do planejamento. “O **planejamento** é mais complexo e vem a partir do treino destas funções executivas: **controle inibitório** - em que o aluno começa a parar para pensar, respeitar o turno de fala, usar os filtros necessários até mesmo para a construção de uma pergunta -; **memória de trabalho** - para fazer tudo com intenção, responder com intenção -; **flexibilidade cognitiva** - aquela com que você cria oportunidades para a informação que tem, mobiliza o conhecimento e aplica em outras ações, faz escolhas, muda caminhos”, explica a professora Gizele. A neurocientista e professora doutora Marília Albuquerque, facilitadora do grupo de estudos dos professores do Sabin, complementa: “Pensar a neurociência no processo de formação continuada de professores é um caminho sustentável para garantir que as evidências científicas cheguem até a sala de aula. É o jeito mais potente de termos alunos recebendo o que há de mais novo no estudo sobre o desempenho humano. Enquanto os cientistas estão nos laboratórios entendendo mais sobre o funcionamento cerebral, nós estamos ativamente trabalhando para incorporar ao ensino as estratégias didáticas que respeitam como o cérebro funciona. Discutir sobre estratégias de ensino e elaborar atividades para potencializar as funções executivas dos alunos têm sido tema das nossas reuniões mensais em 2024”.

Com o aprendizado do curso, a equipe está investindo também no treinamento de **foco de atenção**, para que o aluno desenvolva habilidades de leitura para ler sozinho e estruturar formas de recuperar esse texto de memória. “Nós fazemos esse trabalho em sala de aula e monitoramos a evolução, mas é importante que multipliquemos essas atividades em casa, porque o nosso cérebro precisa de exercícios de fixação para as estratégias de retenção de memória, atenção, construção de relações”, recomenda a professora Denise. “É uma via de mão dupla: oferecemos os recursos na escola acreditando que, em casa, isso vai ser revertido em uma forma melhor e mais adequada de estudar.”

Leitura ativa

Os professores detectaram que a falta de autonomia para lidar com a leitura e com as questões que envolvem entender, compreender, interpretar e relacionar informações nos textos, causa dificuldades não só nas aulas de português, mas em todas as disciplinas, já que todas trabalham com textos informativos. A professora Gizele Gasparri explica a aplicação de uma das estratégias de estudo com foco nessa dificuldade, a leitura ativa:

“A leitura superficial é aquele ‘passar os olhos’, é quando lemos ‘fingindo’ que estamos lendo, ‘fingindo’ que estamos entendendo, mas só estamos gastando energia, sem eficiência. Temos que substituir a leitura superficial pela leitura ativa, que é uma leitura orientada, feita por etapas.

- 1 - Na primeira etapa, o aluno passa o olho na página, olha o texto, vê o título, pensa naquele termo, se tem algum significado para ele; e olha as imagens, a descrição - só olha, ainda sem profundidade, mas já pode fazer alguns registros, como ‘essa palavra sei o que é’, ‘isso sei o que significa’, ‘isso não conheço, é desconfortável para mim’.
- 2 - E então partimos para uma leitura mais profunda - que pode ser feita em sala de aula, lendo parágrafos juntos, ou em casa. A ideia é ler cada parágrafo e interagir com o texto. O aluno pode anotar perguntas: ‘O que é?’, ‘De onde vem?’, ‘O que compõe tal sistema?’, ‘Qual é a função disso?’, ‘Quais as diferenças entre isso e aquilo?’. Vai lendo, vai escrevendo perguntas e, durante a leitura, já vai buscando essas informações. É importante também que, a cada parágrafo, o aluno identifique a função daquela estrutura: ‘Essa parte do texto está falando sobre definição, sobre exemplo, sobre explicação?’ E vai marcando, destacando, puxando seta, colocando post-it, fazendo registros no caderno com as perguntas e as respostas para cada parágrafo.
- 3 - Como o aluno vai encontrar termos que são novos para ele, ele vai construir também ‘glossários’, escrevendo a definição e outras informações relevantes sobre cada termo.
- 4 - Assim que terminar a leitura, o aluno vai preencher a ‘tabela de metacognição’, cujo intuito é visualizar o caminho desse conhecimento. São três colunas: ‘o que preciso saber’, ‘o que já sei, aprendi na leitura’, ‘o que ainda não sei’. A coluna do que ele ainda não sabe é essencial para a construção de perguntas com as dúvidas que ficaram.”



Autoconhecimento e boas escolhas

Novas projetos incrementam o pacote de atividades para alunos do Ensino Médio além das disciplinas tradicionais: ferramentas contemporâneas que ajudam a preparar para a vida

Está na marca do Colégio Albert Sabin: “Ensinar é criar oportunidades”. É por isso que, paralelamente ao trabalho com as disciplinas tradicionais do currículo acadêmico, a equipe do Ensino Médio segue criando oportunidades para que os jovens desenvolvam na escola habilidades para a vida – aquelas que podem nos ajudar, entre outras coisas, a fazer boas escolhas. Em 2024, dois novos projetos com esse propósito entraram em prática.

O primeiro deles – voltado para os alunos de 1ª e 2ª séries – trata das competências socioemocionais e do desenvolvimento do cérebro nessa fase da vida, com apresentações e conversas sobre temas como neurociência e a formação do córtex cerebral, autocontrole e autoconhecimento, ação e reação diante de estímulos específicos, *fake news* e tomada de decisões. Desde o início do ano, esses encontros acontecem uma vez por mês nos 45 minutos do horário de alguma aula da grade, e têm sido conduzidos pelos orientadores educacionais Adriana Paulo Cardoso e Fábio Ribeiro, e pela coordenadora pedagógica do Ensino Médio, Áurea Bazzi. “Esse projeto está dentro do pacote de ‘Projeto de Vida’, que oferece atividades desde o 6º ano do Ensino Fundamental”, situa Áurea. “Recentemente, participamos de uma formação com a psicóloga e consultora Clarice Madruga, integrante de um grupo de pesquisadores que concluiu que é preciso desenvolver e fortalecer constantemente competências emocionais e habilidades de relacionamento humano nos jovens para que eles possam estar mais preparados para lidar com situações adversas, escolhas importantes e tomadas de decisão diante das

questões da vida”, explica a coordenadora. Essas “aulas” são bem interativas e bastante visuais, com vídeos, imagens e provocações para que os alunos participem e reflitam intensamente, com perguntas como “Sabia que você é o motorista do seu cérebro?”.

O segundo novo projeto foi iniciado em agosto e oferece orientação de carreira para alunos da 2ª série. “Nasceu de conversas com a direção - e com a psicóloga que nos apoia nos processos - a possibilidade de fazer esse tipo de orientação com a 2ª série, para que os estudantes cheguem ao último ano com mais maturação para a escolha da universidade”, conta a professora Adriana, orientadora de 1ª e 2ª séries. “Optamos por não aplicar nenhum teste vocacional, mas pautar essa atividade no autoconhecimento dos jovens. Para isso, desenvolvemos quatro oficinas de uma hora cada, para quem quisesse se inscrever”, explica. A 1ª oficina é para socializar, conversar e entender o que os jovens esperam; na 2ª, o foco é observar quais são as referências e os modelos que eles têm e investigar o que gostariam e o que não gostariam de fazer profissionalmente; a 3ª oficina serve para os alunos conhecerem áreas e carreiras, e pensarem nas suas preferências e motivações dentro das áreas desejadas. “Na 4ª e última oficina, nosso objetivo é ampliar um conhecimento muito potente que já trabalhamos nas orientações acadêmicas: ‘Independente de onde eu estiver, preciso desenvolver competências humanas para continuar aprendendo ao longo da vida; porque muitas vezes sou contratada por um bom currículo, mas sou demitida por uma má postura’”, orienta Adriana. Quase 60 alu-

Fórum FAAP e Simula Sabin

Capacidade de argumentação e escuta ativa, desenvolvimento de estratégias de negociação, ampliação do repertório de conhecimento e prática do respeito aos direitos humanos foram algumas das “habilidades de vida” que sete alunos do Sabin puderam por em prática durante o 20º Fórum FAAP de Discussão Estudantil - em junho de 2024. Foi a primeira vez que um grupo do colégio participou do Fórum FAAP - promovido anualmente pela Fundação Armando Alvares Penteado para alunos do Ensino Médio. Turmas de várias escolas participam de uma simulação de conferências da ONU, em que cada grupo defende a perspectiva de uma delegação - geralmente representando um país - debatendo temas de relevância internacional. Os alunos do colégio já estavam familiarizados com técnicas de negociação pois participam do Simula Sabin, mais uma atividade da escola que ajuda a preparar o jovem para decidir e argumentar diante de questões importantes.

nos se inscreveram para as oficinas. “Com essas orientações, acreditamos que podemos potencializar o trabalho dos alunos na 3ª série porque eles chegam lá com mais ferramentas para decidir”, diz a coordenadora Áurea. O professor Fábio, orientador da 3ª série, lembra que no último ano do Ensino Médio é feito o refinamento para a escolha de carreiras e universidades: “Trabalhamos com várias mãos ao mesmo tempo, e vamos dando suporte aos alunos de diversas formas: suporte pedagógico, suporte emocional e suporte de habilidades e estratégias para viver melhor”.

Os novos projetos extracurriculares do Ensino Médio vêm se somar aos já consolidados *Shaping the future*, ConsCiência Sabin, Saídas Pedagógicas, Bicho Preguiça, Apadrinhamento, Orientação de estudos e Orientação de carreiras e universidades para a 3ª série. Esse pacote de experiências tem também o objetivo de fortalecer o sempre desejado e estimulado pela escola protagonismo dos estudantes; se protagonismo pressupõe que o jovem saiba o que fazer quando tiver que fazer, cada aluno do Ensino Médio do Sabin está sendo amplamente preparado para ser protagonista em todas as disciplinas da vida - acadêmicas ou humanas.

Programas extracurriculares do Ensino Médio

Shaping the Future (1ª série)

Evento em que os alunos apresentam projetos desenvolvidos na disciplina STEAM (*Science, Technology, Engineering, Arts, Mathematics*), e são avaliados e premiados por um júri de professores e shapers profissionais convidados.

Orientação Profissional (2ª série)

Iniciadas em agosto de 2024, são quatro oficinas durante o semestre, de uma hora cada, que propõem processos de reflexão a respeito de carreiras desejadas e projetos de vida. Os grupos são formados por alunos que se inscrevem.

ConsCiência Sabin (2ª série)

Exposição dos melhores trabalhos feitos na disciplina de Iniciação Científica. Com assessoria de um especialista, os alunos criam palestras no modelo TED Talk e apresentam para a comunidade e um júri de pesquisadores.

Orientações de Estudos (1ª, 2ª e 3ª séries)

Incluem temas como técnicas de estudo, metodologias eficazes, organização e planejamento, disciplina, rotinas pessoais em relação aos compromissos escolares e roteiros de estudo. Desenvolvem diversas habilidades.

Fórum das Profissões (1ª, 2ª e 3ª séries)

Evento sobre carreiras profissionais focado nas áreas escolhidas pelos alunos, com inscrições prévias para as palestras. Convidados falam de faculdades e compartilham experiências.

Orientações de carreiras e universidades (3ª série)

Atendimentos em grupo e individuais com foco nas escolhas profissionais e nas melhores opções de cursos e faculdades.

Bicho Preguiça (3ª série)

Atividades que acontecem às sextas-feiras, com meditações, momentos de relaxamento, bate-papos e jogos. Com condução da professora de Educação Física, faz com que os alunos respirem, interajam, sintam-se acolhidos e rodeados de afeto.

Habilidades para a vida e competências socioemocionais (1ª e 2ª séries)

Iniciado em 2024, este projeto oferece aulas interativas mensais, que trazem conversas e debates com foco no autoconhecimento e no preparo do aluno para escolhas e tomadas de decisão.

Apadrinhamento

Entre os professores, cada aluno escolhe seu padrinho ou madrinha no início do ano. Com apoio e orientação aos alunos, promove-se um vínculo de confiança e suporte e criam-se relações de parceria e trocas de ideias.



Que tal ser trilingue?



É o momento do espanhol: com uma nova e exclusiva assessoria, o idioma passa a ser matéria eletiva para o Ensino Médio e está no tema e nas canções do musical de fim de ano

A partir de 2025, os alunos do Sabin contam com uma nova oportunidade no aprendizado de língua estrangeira: podem escolher continuar estudando espanhol durante todo o Ensino Médio. As aulas de espanhol fazem parte da matriz curricular da escola durante os anos finais do Fundamental - com duas aulas por semana do 6º ao 9º ano; muitos alunos do 9º ano demonstram enorme interesse e se destacam nas avaliações do DELE, o *Diploma de Español como Lengua Extranjera*. Por isso, o colégio decidiu tornar o espanhol uma disciplina eletiva: todos que estão terminando o Fundamental - e que, portanto, deixariam de ter aulas regulares do idioma na escola - podem optar por seguir com ele no lugar do inglês. Até este ano, a partir da 1ª série do Médio havia apenas a opção de aulas extracurriculares de espanhol. “Como os alunos têm inglês desde muito pequenos, eles costumam terminar o 9º ano muito bem formados e fluentes nesse idioma. Então, percebemos a oportunidade de investir no espanhol e oferecer essa opção nos últimos anos escolares, com o objetivo de que os alunos se formem com fluência nas duas línguas”, explica Sandra Lieven, coordenadora pedagógica dos anos finais do Fundamental e do Espanhol.

Uma nova assessoria foi criada para cuidar do curso, estruturar o novo currículo, fazer o redesenho, a implementação do espanhol como matéria eletiva, e acompanhar todos os assuntos referentes ao idioma e aos exames internacionais. A professora de espanhol Bárbara Baldarena Moraes é a nova assessora; ela lembra que o aprendizado de línguas estrangeiras, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e estimular o pensamento crítico, fomenta a compreensão cultural e a comunicação

global. “O curso de espanhol no Ensino Médio foca em desenvolver a conversação avançada, explorar aspectos da cultura hispânica, fazer a preparação para a diplomação do DELE e possibilitar que o jovem seja trilingue ao final do ciclo”, diz Bárbara.

Recuérdame!

No ritmo das boas novas do espanhol, em 2024 o musical de fim de ano do Sabin traz uma adaptação da encantadora animação “Viva – A vida é uma festa”, fábula que apresenta tradições da cultura mexicana e gira em torno do *Día de los muertos*, uma das principais datas comemorativas do México. “*Recuérdame, si en tu mente vivo estoy / Recuérdame, mis sueños yo te doy / Te llevo en mi corazón y te acompañaré / Unidos en nuestra canción, contigo ahí estaré*” – é o trecho de uma das principais canções do musical, que será apresentada em espanhol pelo elenco. “Realizar um espetáculo com boa parte das músicas cantadas em espanhol, e homenageando a cultura mexicana, é uma oportunidade enriquecedora para os alunos e para o público. Esse tipo de imersão é fundamental para a aquisição de fluência na língua, pois os estudantes precisam compreender e interpretar as letras das canções, além de trabalhar a pronúncia, a entonação e a expressão corporal”, resume a professora Bárbara, que este ano está ajudando o assessor de Cultura e professor de teatro Ricardo Sonzín Jr. com a pronúncia das falas e canções em espanhol. “É também uma oportunidade para valorizar e respeitar a diversidade cultural, ensinando aos alunos a importância de conhecer e apreciar culturas diferentes da sua”, observa Ricardo. “A música e a dança, em especial, têm o poder de unir pessoas e transmitir emoções de uma

maneira que transcende barreiras linguísticas e culturais”, completa ele.

The world es mi familia

Bianca Rinaldi Kirschner, do 9º ano E, aluna de espanhol nas aulas preparatórias para o DELE e também integrante do teatro, define o que significa para ela o conjunto do trabalho feito no musical deste ano: “O teatro é uma paixão e um dos pilares da minha vida; nele, eu aprendo a sonhar e a me comunicar, estabeleço metas e enxergo minha evolução. As diferentes línguas e culturas do mundo também sempre

me interessaram. Como aluna de espanhol desde o 6º ano, não há presente maior do que unir minha paixão pelo teatro com a realização de um espetáculo como esse. A relação entre cultura e língua une famílias, e é também a junção da família formada pelo nosso elenco e a família do Miguel, protagonista da nossa história.” O sempre muito aguardado musical é um marco no encerramento anual das atividades escolares no Sabin e, seguramente, “Viva - A vida é uma festa” marca e eterniza um momento importante de valorização do espanhol no colégio - que já é chamado, por muitos, de escola trilingue. Viva!



*Señoras y señores
Buenas tardes, buenas noches
Buenas tardes, buenas noches
Señoritas y señores
To be here with you tonight
Brings me joy, que alegría
For this music is my language
And the world es mi familia*

Trecho da canção *The world es mi familia*, que, na versão original, é bilíngue



É ouro no xeque-mate!

Premiado com o selo ouro da Federação Internacional de Xadrez, a FIDE, o Sabin tornou-se o único colégio brasileiro com esse reconhecimento pelo uso pedagógico contínuo do xadrez

Além de ser uma potência no xadrez escolar, e de incentivar - desde sua fundação - a prática do xadrez como elemento fundamental para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes, o Sabin agora pode se orgulhar de ser - em 2024 - a única escola brasileira a receber a medalha de ouro no *FIDE Chess School Award*, selo concedido pela *Fédération Internationale des Échecs (FIDE)*, a Federação Internacional de Xadrez. Esse selo mundial de excelência reconhece o compromisso do colégio com o ensino pedagógico do xadrez - o uso na educação das habilidades que são desenvolvidas durante a aprendizagem e a prática do jogo. “O mais bacana desse reconhecimento é que ele vai além dos resultados em campeonatos; a Federação reconhece as condições que o colégio oferece para o ensino do xadrez e a qualidade do trabalho do professor na sala de aula e no dia a dia dos alunos”, observa a diretora geral da escola, Cristina Godoi. O xadrez, no Sabin, é parte do currículo obrigatório do 2º ao 5º ano do Fundamental, é atividade extracurricular opcional para alunos do Fundamental e do Médio, e mantém uma turma de treinamento. A escola motiva constantemente os praticantes a participarem de competições estaduais, nacionais e internacionais - o que já rendeu grandes conquistas: oito títulos de campeão brasileiro escolar e um título de campeã pan-americana.

“A gente sempre fala de conquistas e resultados de competições, mas o xadrez no Sabin é também muito representado pelos resultados pedagógicos”, aponta o mestre Antônio Carlos de Resende, professor de xadrez do colégio. “A escola sempre acreditou na utilização do



xadrez como ferramenta pedagógica, para dar apoio ao desenvolvimento das crianças no que tange, essencialmente, às competências e aos valores que o xadrez traz: raciocínio, memória, inteligência, criatividade, ética e tantos outros”, diz Resende. Estudos mostram uma forte correlação entre aprender a jogar xadrez e o desempenho acadêmico: alunos que jogam xadrez costumam obter pontuações significativamente mais altas em avaliações de matemática, ciências e até de compreensão de texto. O jogo envolve decodificação e análise, pensamento estratégico e capacidade de prever consequências. O jogador é estimulado a pensar, analisar, imaginar cenários, testar hipóteses e aprender por tentativa e erro. O xadrez treina a mente para brincar com possibilidades, saber replanejar e desenvolver pensamentos originais.

Selo com status de rei

Resende explica que a FIDE é uma organização internacional muito poderosa, que congrega todas as fede-



CRITÉRIOS

O *FIDE Chess School Award* avalia a adequação da escola em dez categorias:

1. Instalações
2. Envolvimento dos alunos
3. Material didático
4. Eventos de xadrez
5. Educadores de xadrez
6. Representação da escola no xadrez
7. Compromisso social
8. Xadrez como ferramenta de educação
9. Financiamento do xadrez na escola
10. Testemunhos

rações de xadrez do mundo, e que o grande esforço atual da entidade é impulsionar o setor educacional do xadrez. Dentro desse contexto, foi criado esse prêmio de reconhecimento ao trabalho de algumas escolas - selos ouro, prata e bronze. No mundo, 22 instituições de ensino de 14 países foram contempladas - apenas 13 com o ouro. “O que avaliaram para considerar o Sabin medalha de ouro foi tudo que o xadrez sempre significou para o colégio e as condições oferecidas para o trabalho - como, por exemplo: o xadrez tem sala fixa; promove eventos entre escolas; faz campanha de solidariedade através do Xadrez de Chocolate; cria estratégias para motivar os alunos, como o Xadrez Gigante e o Xadrez Humano - que veste as crianças de peças; leva, todo ano, um grande enxadrista para jogar simultaneamente contra vários alunos. É, realmente, um exemplo de como aplicar o xadrez na proposta pedagógica”, conclui o professor - destacando que o xadrez presencial é uma ótima opção para tirar as crianças das telas, cujo uso exagerado vem trazendo prejuízos cognitivos e desafiando o trabalho nas escolas.



UM MESTRE NA JOGADA

Ele ensina, orienta, organiza as aulas e os eventos de xadrez no Sabin há 31 anos, desde o começo da escola. *Mestre Internacional* de xadrez, *Treinador FIDE* e autor do livro *Jogue Xadrez!: Aprenda e Pratique*, o professor Resende é a mente e o coração por trás do ensino, da motivação e dos xeque-mates dos alunos do colégio: “Eu gosto de ensinar crianças porque tenho certeza de que estou contribuindo com o desenvolvimento delas; as crianças que praticam xadrez vão usufruir dos benefícios desse aprendizado por toda a vida. Tenho essa certeza, primeiro, por tudo que aconteceu comigo e, depois, por todas as evidências que a gente vê pelo mundo.” Antônio Carlos de Resende é autodidata: aprendeu a jogar xadrez aos 13 anos usando um tabuleiro e peças criadas por ele mesmo, com cartolina e tampinhas de garrafa; e estudou em livros da biblioteca do Clube de Xadrez São Paulo e do Serviço Municipal de Xadrez de Osasco - município da Grande SP onde nasceu e cresceu. Aos 20 anos, sagrou-se campeão paulista. Fez faculdade de História em Joinville, Santa Catarina, mas voltou para São Paulo e focou na carreira de professor e jogador de xadrez. Depois de competir em 11 países, conquistou junto à Federação Internacional os títulos de treinador e mestre. Dezenas de milhares de alunos já aprenderam com ele; muitos conquistaram títulos, muitos seguem se destacando e vencendo campeonatos de toda grandeza. Especializado em xadrez escolar, Resende agora é medalha de ouro também nessa “categoria”, já que é um dos grandes responsáveis pelo trabalho de sucesso com o xadrez que o Sabin oferece aos alunos há tantos anos, e que rendeu à escola o selo de excelência máxima segundo a FIDE. Parabéns, mestre Resende!

Microrrevoluções sustentáveis

“Eu preciso mesmo disso?” - As Verdes Marias ensinam que fazer essa pergunta antes de comprar ou consumir produtos é um primeiro passo para ajudar a cuidar do planeta

Microrrevoluções são as mudanças que podemos fazer no dia a dia por uma vida mais sustentável, é o poder que cada um tem para começar grandes transformações a partir de pequenas ações - e tudo que fazemos influencia nosso entorno. Quem diz isso são as Verdes Marias: as irmãs Mariana, Maria Carolina e Maria Clara Moraes, que vivem e trabalham para inspirar pessoas a fazer microrrevoluções em suas vidas para torná-las mais sustentáveis. Elas propõem a todos que testem iniciativas, projetos, produtos, alimentos e experiências mais naturais, e compartilhem suas descobertas. A Verde Maria Mariana conversou com a turma do 5º ano E e mostrou como as crianças são importantes nesse processo: aprendendo, ensinando a família e espalhando práticas de sustentabilidade para todos.



Qual é a origem do nome “Verdes Marias”?

Nós somos três Marias - Mariana, Maria Carolina e Maria Clara -, e decidimos falar sobre meio ambiente, que é um tema “verde”. Seria Marias Verdes, mas a Carol falou: “Ai, não! Marias Verdes é chato. Vamos pôr Verdes Marias”. E foi isso!

Há quanto tempo vocês se dedicam a esse projeto?

As Verdes Marias existem desde 2018, mas minha irmã Clara faz sempre uma piadinha dizendo que eu, Mariana, já nasci querendo “compensar o carbono do parto” porque, desde pequenininha, eu gosto do tema da sustentabilidade e sempre fiz coisas relacionadas a esse assunto. Em 2018, fazia um ano que minha filha tinha nascido e eu senti que estava gerando lixo demais - com fraldas e coisas relacionadas à maternidade. Fiquei assustada e resolvi buscar alternativas mais sustentáveis para o meu lixo. Coincidentemente, na mesma época, minha irmã Carol estava buscando um pouco mais de propósito para a vida dela, e me procurou para falar disso. A gente começou a ter ideias e foi

tudo muito rápido: “Vamos divulgar o que a gente está aprendendo?”, “Vamos falar da nossa vida”, “Vamos buscar uma vida mais sustentável juntas!”. Como nós três somos muito amigas, chamamos também a Clara - ela estava fazendo outras coisas, mas, aos pouquinhos, veio, começou a escrever os textos do nosso site, foi se envolvendo, e se engajou também!

Qual foi a motivação para criar esse trabalho?

A primeira motivação foi começar a buscar alternativas sustentáveis para nossa vida; e pensamos: “Se nós estamos aprendendo isso, porque não facilitamos a vida de outras pessoas levando esse aprendizado para mais gente?”. Aproveitamos que a Carol é uma ótima fotógrafa e começamos a fazer fotos bonitas das coisas que íamos descobrindo, como o copo reutilizável e a escova de bambu. Percebemos que dava para compartilhar tudo de uma forma simples, com linguagem acessível. Como nós três somos comunicadoras, achamos que essa seria uma boa forma de levar nosso projeto para o mundo.

Esse estilo de vida é caro?

Não! Esse estilo de vida é muito mais barato! Porque, quando falamos de sustentabilidade, estamos falando em reduzir, reutilizar, fazer produto em casa, usar menos coisas, saber exatamente os ingredientes que estamos usando, comprar de “segunda mão” - principalmente roupa, já que existem muitos brechós legais. Então, levar uma vida sustentável é mais barato do que levar uma vida tradicional.

Quais atitudes nós, crianças, podemos ter para ajudar?

Muitas atitudes! Muitas! A primeira delas é o que vocês já estão fazendo: entender o problema, saber o que está acontecendo com o nosso planeta, como a gente está se relacionando com as coisas que a gente faz, como a gente se aproxima da natureza, e como a gente faz para saber qual é o impacto que cada pessoa tem no planeta. Outra coisa que as crianças podem fazer, que é muito importante, é alertar os pais! É contar para eles o que vocês aprendem na escola, o que vocês estão descobrindo; pedir para olharem o lixo de casa, reciclarem, fazerem compostagem. Vocês podem provocar seus pais a mudar o olhar; as crianças são fundamentais nesse processo! Tem uma menina muito especial, chamada Greta Thunberg, que começou cedinho a falar de mudanças climáticas: primeiro ela provocou os pais dela, depois provocou gente do mundo inteiro, até criar o *Fridays for Future* - um movimento de crianças que lutam pela mudança climática. Vocês podem ouvir e recomendar o *podcast* “Contos da Capivara”, contos infantis sobre sustentabilidade e meio ambiente que inspiram mudanças de hábito nas famílias.

E como podemos ajudar vocês a divulgar esse trabalho?

Contem para todo mundo o que vocês aprenderam sobre o ciclo de vida do plástico! Podem contar do jeito de vocês, fazendo um desenho, escrevendo. E comecem a se questionar o ciclo de vida das outras coisas que vocês usam: “De onde vem o lápis e para onde ele vai?”, “De onde vem o papel e para onde ele vai?”, “De onde vem a minha mochila e para onde ela vai?”. Dessa forma, a gente começa a buscar mais informações e, quanto mais a gente sabe, mais a gente pode contar para os outros, e mais a gente ajuda a divulgar.

Existem materiais escolares feitos com materiais ecológicos ou sustentáveis?

Sim, existem há muito tempo! Mas, às vezes, não sabemos que são “sustentáveis”. Usar lápis, por exemplo, é mais sustentável do que usar caneta. Porque o lápis é um material que vem da madeira, que é renovável, e a gente pode replantar. Mais legal ainda se for um lápis certificado com o selo FSC, que quer dizer que não foi feito com madeira de desmatamento. Mas quase todos os lápis do Brasil já não são de madeira desmatada, por isso podem usar lápis tranquilamente. Outra coisa: podemos reutilizar papel como folhas de rascunho! Uma professora me contou que vocês já fazem isso na escola, reutilizando os blocos de matemática. Reutilizem papel mesmo! Vocês também podem trocar roupas entre vocês, e fazer bazares com uniformes para repassar para as próximas turmas. Tudo isso é material sustentável na escola. Ninguém precisa comprar nada mais caro, ou de outro tipo de material específico; precisamos fazer com que a vida dos materiais escolares que usamos seja mais longa - porque se duram mais são mais sustentáveis.

Qual é o real impacto de usarmos produtos veganos?

Os produtos veganos são legais porque não são de origem animal, não contêm nenhum ingrediente que veio de bicho; e também porque não testaram nos bichinhos para saber se as pessoas podem usar. Mas “vegano” não quer dizer, necessariamente, que é natural. Às vezes, uma coisa é vegana e toda embalada em plástico, ou sem nenhum ingrediente natural. Então, não basta o produto ser vegano, é importante que seja natural também. Sempre que tiver a opção de produto vegano e natural, é ótimo! Mas o melhor é reduzir a quantidade de produtos que a gente usa.

Para higienizar ambientes, existem produtos sustentáveis?

Sim, vários! Além disso, a gente tem que saber que o mercado oferece muitos produtos de limpeza que ninguém precisa usar! As pessoas acham que cada canto da casa precisa de um produto específico, e não é verdade. Podemos simplificar: álcool, vinagre, sabão de coco e bicarbonato são suficientes para limpar a casa inteira! A gente dá algumas receitas no site verdesmarias.eco.br, mas o interessante é saber que pode simplificar. Dá para fazer um desinfetante usando só vinagre de álcool e casca de limão ou laranja, por exemplo.

É possível saber quantas pessoas se sensibilizaram e mudaram a partir do trabalho de vocês?

Através das nossas redes - @verdesmarias -, sabemos que já alcançamos mais de dez milhões de pessoas. Algumas mandam mensagens carinhosas, falam que mudaram, que foram cursar educação ou engenharia ambiental por nossa causa. Mas não sabemos quantas realmente mudaram. Mudar a cultura dá muito trabalho! E é até uma pergunta difícil de responder: “O que é mudar realmente?”.

Vocês já pensavam assim quando crianças?

Desde cedo, nós três fomos educadas a brincar muito na natureza e a nos conectar com ela: subir em árvore, andar sem sapato, pisar na grama e aproveitar o dia ao máximo! Essa conexão nos fez estar sempre mais preocupadas com o que realmente importa: a nossa relação com o planeta. Porque é o planeta que nos dá a água, nos dá a terra, nos dá o ar; se conseguimos passar a vida com

essa conexão, temos mais felicidade. Quando nós éramos pequenininhas, ainda não conhecíamos os problemas do plástico, claro, e tudo isso - só fomos entender mais velhas. Mas se você se conecta com a natureza, já está sendo sustentável desde criança!

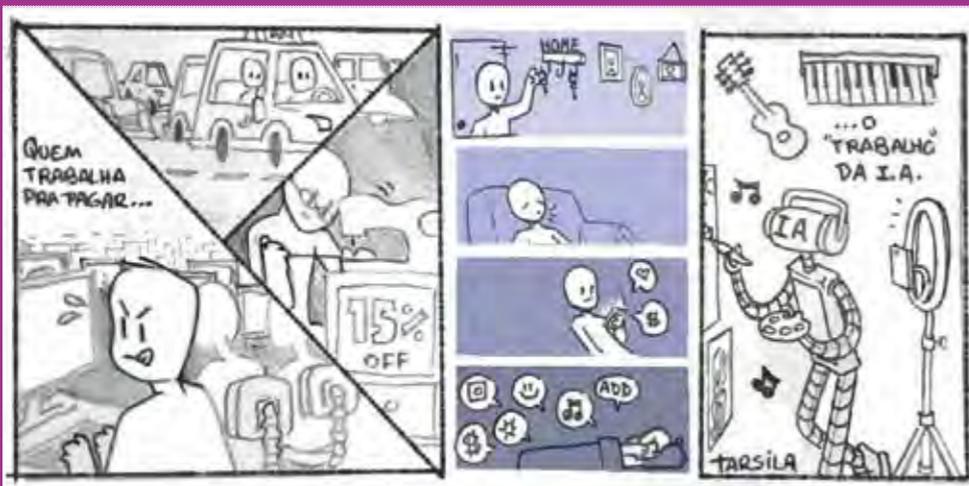
Na falta de tempo, que dicas vocês dão para que nós possamos contribuir?

A dica principal é: sempre que forem comprar ou usar alguma coisa, pensem antes, e se perguntem se precisam mesmo daquilo. “Será que eu preciso desse copinho de plástico?”, “Será que eu preciso desse canudinho?”, “Será que eu preciso desse brinquedo?”, “Será que eu preciso de uma roupa nova?” Quando começamos a recusar e reduzir compras e uso de coisas, já estamos contribuindo, sem gastar tempo. Mudar a nossa forma de consumir já é fazer muito, porque, do jeito que estamos consumindo tantas coisas, o planeta não vai dar conta.

livre expressão

De que forma você se relaciona com ela?

Ela existe e não é mais possível escolher viver sem ela. Mesmo que você não queira, ela já invadiu sua vida; você só tem que decidir como vai se relacionar com a Inteligência Artificial



Tarsila Gramacho Sakata Namiki é aluna da 3ª série D do Ensino Médio

Exterminador da IA, ou IA do futuro?

Com o avanço extremamente rápido da Inteligência Artificial, muitas preocupações surgem, e um cenário apocalíptico como o da franquia “O Exterminador do Futuro” - saga de filmes sobre ficção científica em torno de uma guerra entre a Inteligência Artificial *SkyNet* e a resistência humana - parece cada vez mais possível. Como um estudante que acompanha muitos materiais sobre esse tema em preparação para o vestibular, digo que uma catástrofe desse nível não vai acontecer - apesar de que, por bem ou por mal, o quanto a IA terá de controle sobre nós depende inteiramente das condutas que tomarmos no presente.

Uma das possíveis reações à crescente presença dessa tecnologia no cotidiano é ir totalmente contra: com propostas de destruição ou desativação da Inteligência Ar-

tificial, por exemplo. Isso, contudo, nunca vai acontecer, porque as *big techs* sabem que implementar a IA em seus programas e algoritmos gera lucro.

O que fazer, então, se a existência dela é inevitável? O segredo, na minha opinião, é aprender a conviver. Em vez de lutar contra a correnteza desse “rio de tecnologia”, precisamos nadar a favor dela em direção a uma das margens, respeitando sua força. Assim, será evitado um afogamento em massa nesse fluxo de informações que chega com potência total para mudar nossas vidas. Um contexto de dominação da Inteligência Artificial ocorrerá, então, se não percebermos que sua presença não vai se extinguir porque ela pode ser perigosa. A solução não é “exterminar” a IA ou deixar que ela nos “extermine”, e sim, utilizá-la como um recurso do “futuro”.



Gabriel Miyaki Nascimento é aluno da 3ª série E do Ensino Médio.

IA: Discriminação algorítmica e reflexos sociais

A Inteligência Artificial, o assunto da vez, é inegavelmente complexo, e traz consigo alguns dilemas. A discriminação algorítmica, por exemplo, é algo que nos faz refletir: a IA é realmente preconceituosa ou ela reflete a sociedade em que vivemos? A perpetuação de estereótipos e padrões injustos não é rara. Ao ser requisitada uma representação visual de uma pessoa com autismo, muitas vezes a máquina cria uma digitalização de alguém com aparência “triste, solitária e incapaz”. Assim, a ideia preconceituosa é reforçada e disseminada, o que tira a dignidade daqueles representados pela imagem gerada.

Embora haja a preservação de ideias discriminatórias, o autômato não criou essas ideias, apenas as reproduziu. Ou seja, a tec-

nologia é enviesada pela visão de mundo de seus programadores, e retroalimentada por seus usuários. O sentimento que se instaura é de que não há, realmente, uma auditoria legítima sobre o funcionamento justo da máquina, já que ela é influenciada por opiniões alheias a um algoritmo adequado que segue os direitos individuais.

Enfim, a situação não é das mais simples. A programação tem seus defeitos, mas culpá-la pelo preconceito enraizado também não é o caminho. O verdadeiro desafio está em garantir que a Inteligência Artificial seja utilizada de maneira ética, combatendo os vieses e promovendo uma sociedade mais justa, em vez de perpetuar as desigualdades existentes.



Giovana Boffo Manukian é aluna da 3ª série A do Ensino Médio.



Uma mulher gigante

Há quase 30 anos, a auxiliar de cozinha Moniquinha tempera com encanto, afeto e doçura o momento das refeições no restaurante do Sabin

Basta andar pelo colégio e dizer o nome dela, que todo mundo grita: “A Moniquinha!” - e abre aquele sorrisão! Certamente um reflexo do sorriso acolhedor que a “tia Mônica”, auxiliar de cozinha, oferece há 27 anos às crianças e aos adultos que se servem no restaurante da escola. “Desde que cheguei, sirvo comida”, revela com orgulho e olhos molhados de emoção essa mulher tão brasileira, simpática, de fala espontânea e nordestina, traços indígenas herdados da avó materna, olhar doce, estatura pequena e... gigante! “Lá no comecinho, quando eram poucos alunos, eu ia até a mesa, cortava a comida, arrumava tudo bonitinho nos pratinhos deles - como a gente faz com filho!” A cada frase, Mônica Santana Venâncio André da Silva - mãe de Franklin, Michel e Raíssa, e avó de Lavinia, Rafaela Beatriz, Gael e Benício - enxuga as lágrimas ao lembrar do que caminhou em seus 60 anos de vida. “Acordo todos os dias às 4h para ir trabalhar, e vou feliz! O Sabin é uma casa, uma mãe, é pro resto da minha vida. O seu Godoi - fundador da escola, que me ensinou tanto - sempre disse: ‘Nunca desista dos seus sonhos’. Com meu trabalho, e com amor pelas pessoas maravilhosas com quem convivo, consegui tudo que sonhei. Se vejo alguém triste, eu digo: tenha ânimo, levante a cabeça, existe uma luz no fim do túnel, você vai conseguir!”

Nascida em Pompeu, no interior do Ceará, filha do seu Jutai (falecido) e da Dona Margarida, 87, irmã de duas mulheres e quatro homens - “minha família é tudo!” -, Moniquinha trabalha desde muito pequena. “Meus irmãos e eu não tivemos aquela infância de brincar, porque a

gente precisava ajudar nosso pai, lavrador - um superpai, que deu o maior exemplo de vida. Eu trabalhava na roça, plantando e colhendo milho, feijão, arroz, fava, algodão. No intervalo entre plantio e colheita, era babá em casas de família.” Pouco antes de completar 18 anos, recebeu uma carta do irmão mais velho, que já morava em São Paulo, avisando que ia mandar buscá-la. “A cidade grande era um sonho praticamente impossível, mas meu irmão, trabalhador, conseguiu me trazer: cheguei com uma mala pequenininha no dia 7 de agosto; no dia 8, já tinha serviço como empregada doméstica.” Passou por duas casas e uma metalúrgica, até chegar ao Sabin - pelas mãos da então empregadora Meire, que trabalhava no colégio, e viu em Mônica a responsabilidade e o carisma necessários para lidar com crianças.

“Amo os alunos, são uma benção na minha vida. Acompanho muitos desde pequenos até saírem da escola. A gente se conhece, faz amizade, cria afinidade; eles me contam coisas, me abraçam de repente! A maior riqueza é sentir esse carinho”, derrete-se. Ela também ensina que alimentar-se bem é importante, que a comida do colégio é saudável, e que o estudo é o principal. “A criança está aprendendo, tenho que incentivar! Falo: valorize o estudo que seus pais lhe dão, isso ninguém vai tirar de você!” Ela mesma não teve acesso à escola na infância - só foi alfabetizada. Mas nunca desistiu de estudar. Quando entrou no Sabin, finalmente viu a chance de conciliar o trabalho e as aulas em um colégio vizinho, e conseguiu completar até a 5ª série - uma vitória para ela: “Com estudo, você pode voar!”.

“Moniquinha é a pessoa mais doce que conheço. Cuida de todos ao redor com um carinho ímpar!”
Cristina Godoi, diretora geral

“Quando chegamos no restaurante, notamos o cuidado que ela tem com nossos alunos e colaboradores. O diminutivo fica só no nome, é uma gigante como pessoa, sempre com olhar no próximo e propagando a cultura da escola.”

Fernando Mello, diretor administrativo

“Falar da Mônica é retratar exatamente isto: encantamento. Carinhosa, preocupada com o bem estar de todos, é aquele famoso colo de mãe.”

Fernanda Souza, nutricionista

“Ela me viu crescer na escola! Pergunta como estou, a gente conversa, é fofa, gentil, feliz: lembra minha avó!”

Carolina Ferreira Ribeiro, 3ª B do Médio

“Todo mundo acha a Moniquinha demais, sempre com aquele sorrisão e carisma!”

Rafaella Werneck, 1ª F do Médio





ESCOLA
ABSABIN
Um, dois, todos

cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

2º semestre de 2024 – ano 30 – nº 86



Caminhando pela cultura brasileira

Através de livros, brincadeiras e manifestações artísticas, as crianças da AB Sabin estão conhecendo e construindo um repertório da riquíssima e diversa cultura popular brasileira

“Quando eu vesti meu Parangolé, virei uma obra de arte” - disse Augusto ao pai, que quis saber tudo sobre Parangolés depois que o filho criou o seu na escola, em uma oficina de arte inspirada pela obra do pintor, escultor e artista plástico carioca Hélio Oiticica. “Para se dançar ciranda, juntamos mão com mão” - entoou uma canção da mais importante cirandeira do Brasil, a pernambucana Lia de Itamaracá, a quem os alunos foram apresentados em rodas de música. “Para pular corda, tem que pular rapidinho. A gente pula relógio, salada saladinha com fogo e foguinho” - rima um poema criado coletivamente pela turma que teve contato com a Literatura de Cordel, a xilogravura e personagens de festas do nordeste brasileiro por meio do reisado da região do Cariri, no Ceará. Essas e outras atividades constantemente desenvolvidas na AB Sabin - dentro dos projetos de cada turma - ajudam a nutrir as crianças da vasta cultura que existe espalhada pelo país. “Nosso papel é valorizar e trazer para a escola a arte nacional e a cultura popular brasileira que as crianças não vivenciam amplamente morando em São Paulo. A criança é aberta, está pronta para descobrir novos mundos”, afirma Sílvia Adrião, diretora pedagógica da AB.

Juntar mão com mão serve para dançar a ciranda e, também, para mostrar que somos de muitas cores, muitos tons, muitas fôrmas, formas e texturas. Parangolés, cordéis e festas do folclore vão revelando para as crianças novos universos, e elas vão construindo seus mosaicos. “Temos o compromisso de apresentar tradições e expressões culturais para as crianças desde pequenas. Na escola, elas têm acesso às manifestações populares sob nosso olhar cuidadoso e especializado, voltado para a educação”, diz a coordenadora pedagógica, Suzy Março.

Em movimento

Trabalhar a cultura brasileira por meio de diferentes linguagens sempre fez parte da história da AB Sabin; novos recortes e possibilidades surgem, todo ano, de acordo com os projetos de cada turma e durante os diálogos e as brincadeiras com as crianças. Foi assim que a professora Fabiana Araújo, do Infantil 4, chegou ao reisado: “Meu

grupo brinca muito de rainhas, reis, príncipes e princesas, e sempre demonstra interesse por esse universo. Então propus ampliarmos o tipo de realeza que eles traziam, buscando outros lugares onde pudéssemos encontrar reis e princesas”. Com pesquisas e a leitura, em especial, do livro “Noite de brinquedo”, que conta a história de uma menina-rainha das festas de reisado do Cariri, a turma reinventou brincadeiras com arte, músicas, danças e costumes da região - como a Literatura de Cordel - e percebeu que existe realeza além das princesas mais conhecidas e comerciais. “É nosso dever como educadores apresentar esse repertório de diversidade para que as crianças conheçam e, mais ainda, para que sejam produtoras de cultura e construam conhecimento”, sugere Fabiana, que viu a turma descobrir, também, a técnica da xilogravura, e criar seus folhetos de cordel com rimas e diversão.

A professora Gislaíne Pereira, do Infantil 3, que trabalhou em parceria com as atividades da professora Fabi, seguiu caminho parecido até os Parangolés e a ciranda que apresentou para sua turma. “Nós estamos trabalhando sentimentos com o projeto ‘O monstro das cores’. Para trazer a cultura brasileira, convidamos as crianças a criarem seus ‘Parangolés das Emoções’ - depois de levá-las em uma visita virtual pela obra de Hélio Oiticica, autor dos Parangolés”, conta Gislaíne. Instigadas pelas imagens, as crianças se animaram a pintar tecidos e criar suas capas. “Então fomos conversando sobre aquilo ser uma arte que se movimenta, e como é possível fazer a arte se movimentar. Eles entenderam que arte não é só um quadro na parede e deduziram que a obra deles seria uma roupa para dançar!” Daí veio a ideia de fazer cirandas, trazendo a Lia de Itamaracá. “Vimos fotos, músicas e vídeos da cirandeira e eu até esperava que as crianças estranhassem, afinal é uma mulher de 80 anos cantando ciranda, com uma voz bem diferente das vozes mais conhecidas nas grandes mídias. Mas não houve estranheza: todos amaram a Lia e se encantaram com o colorido das roupas, os turbantes usados por ela, os batuques e os instrumentos musicais. Eles brincaram de tocar e dançaram em roda com os Parangolés, dando vida à pintura que tinham feito. Fiquei emocionada com eles”, confidencia a professora.

Lia, que é uma mulher retinta, trouxe do currículo da escola no que se refere à diversidade do Brasil: a cultura do antirracismo. Em 2022, a equipe da AB Sabin fez uma formação específica sobre educação antirracista, e passou a trabalhar o assunto com mais refinamento e consciência das questões que impactam as crianças - principalmente na formação de visão de mundo que começam a desenvolver nessa fase. “Aproveitamos todas as oportunidades que temos para falar de antirracismo e mostrar o quanto é incrível a diversidade deste país. Depois da formação, temos mais segurança para tocar em temas complexos, com mais embasamento para explicar o significado das atividades propostas. Estamos em um momento de reconstrução da consciência de todos - crianças e adultos”, aponta Gislaíne. Fabiana complementa: “A formação que tivemos impactou as ações do grupo de professores e também pode impactar o restante da comunidade e as famílias, com os *e-books* que disponibilizamos no site da escola - inclusive com um guia para a educação antirracista. A cultura brasileira associada à arte e à diversidade é capaz de desmontar preconceitos.”

Brincando e aprendendo

A escola participa da Semana Mundial do Brincar, promovida todo ano pelo Movimento Aliança pela Infância. Em 2024, aconteceu de 25 de maio a 2 de junho, com o tema “Vem pra roda – No ritmo

do brincar” - um encontro perfeito com as ações de cultura popular que estavam sendo desenvolvidas na AB. “Então pegamos os projetos dessas duas turmas - Parangolés, cirandas e reisado - e levamos para toda a escola. As próprias crianças contaram para os colegas e contagiaram todos. Fizemos ateliês de arte e muita ciranda”, revela a diretora pedagógica. Outros temas - como o artesanato Mestre Vitalino e o rio São Francisco - também inspiraram atividades recentes na escola inteira. A equipe percebe, cada vez mais, a abertura das famílias para essas manifestações artísticas - e valoriza muito esse apoio: “Estão todos dispostos a ouvir e a caminhar juntos. Esse amparo dos pais é essencial para formarmos bem o adulto do amanhã. Com um país diverso, como o nosso, a beleza é entender que a diversidade nos une, é uma riqueza, e não um problema”, lembra Sílvia.



Saiba mais sobre personagens, festas populares e artistas citados no texto.



Para ver o Guia para a educação antirracista.

